

TESTEMUNHOS DA PASSAGEM DE S. FRANCISCO DE ASSIS POR PORTUGAL: REVISÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

THIAGO MAERKI
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – UNIFESP
prof.thiago.maerki@gmail.com

RESUMO: Alguns documentos atestam a passagem de S. Francisco de Assis pela Península Ibérica durante uma de suas tentativas de chegar até o Marrocos. De acordo com alguns autores do Período Moderno, em uma dessas ocasiões, o santo teria passado por Portugal e fundado conventos, tradição que ganharia diferentes contornos e versões. A hipótese deste estudo é que essa construção simbólica visava reafirmar a importância da Ordem dos Frades Menores portuguesa na construção de um império universal, católico e luso-franciscano.

PALAVRAS-CHAVE: Viagens de S. Francisco de Assis; Península Ibérica; Portugal; Séculos XVI-XVIII.

ABSTRACT: Several documents attest the passage of St. Francis of Assisi through the Iberian Peninsula during one of his attempts to reach Morocco. According to some authors of the Modern Period, in one of these occasions, the saint would have passed through Portugal and founded convents, tradition that would gain different trends and versions. The hypothesis of this study is that this symbolic construction aimed at reaffirming the importance of the Portuguese Order of Friars Minor in the construction of a universal, catholic and Luso-Franciscan empire.

KEY-WORDS: Travels of St. Francis of Assisi; Iberian Peninsula; Portugal; 16th-18th centuries.

I

Durante toda a sua vida, S. Francisco de Assis (1181/82-1226) sempre enfatizou o desejo de viver de acordo com o Evangelho, o qual, segundo suas

* Este estudo foi desenvolvido como parte da pesquisa de doutorado do autor defendida em 2018 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, Brasil), sob orientação do Prof. Dr. Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP) e da Prof^a. Dr^a. Zulmira Coelho Santos (U. Porto). Segue referência: MAERKI, Thiago – *Hermenêutica seráfica: a representação hagiográfica de Francisco de Assis na cultura letrada portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. 423 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2018. Tese disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332770>. Agradeço ao Prof. Felipe Pazello a gentil revisão do resumo em língua inglesa deste artigo.

próprias palavras, devia ser a verdadeira regra do frade Menor: «Regula et vita Minorum Fratrum haec est, scilicet Domini nostri Jesu Christi sanctum Evangelium observare»¹. Além disso, aconselhava seus seguidores a anunciá-lo onde quer que estivessem, atividade essa que se tornaria uma das mais valorizadas pelos franciscanos e que faria dos Frades Menores também uma ordem religiosa de missionários. É bem conhecida a narrativa em que Francisco envia seus frades, de dois em dois, a anunciar o Evangelho pelo mundo, evento exposto, por exemplo, por S. Boaventura² e Tomás de Celano. Do último, transcrevemos o seguinte fragmento:

Eodem quoque tempore, quodam alio bono viro religionem intrante, ad octonarium numerum processerunt. Tunc beatus Franciscus omnes ad se convocavit, et plura eis de regno Dei, de contemptu mundi, de abnegatione propriae voluntatis et proprii corporis subiectione pronuntians, binos illos in partes quattuor segregavit, et ait ad eos: “Ite, charissimi, bini et bini per diversas partes orbis, annuntiantes hominibus pacem et poenitentiam in remissionem peccatorum; et estote patientes in tribulatione, securi quia propositum et promissum suum Dominus adimplebit” [...].

*Tunc frater Bernardus cum fratre Aegidio versus Sanctum Iacobum iter arripuit, sanctus Franciscus vero cum uno socio alia mundi elegit partem, reliqui quatuor incedentes bini partes reliquas tenuerunt*³.

Com o ingresso de mais um homem dito bom – «bono viro» –, o grupo de Francisco chegou ao número de oito integrantes. Assim, eles podiam ser divididos em quatro duplas, que deveriam cada qual seguir uma direção própria, norte, sul, leste ou oeste. O fato de formarem duplas, por sua vez, relaciona-se à sentença de Jesus: «[...] o Senhor designou outros setenta e dois [discípulos] e os enviou dois a dois à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir»⁴. O envio dos primeiros frades pelas quatro partes do mundo – «partes quattuor segregavit» – sugere o efeito de totalidade; o desejo de Francisco é que a mensagem cristã seja levada a todas as partes do mundo conhecidas. O único local nomeado é Santiago de Compostela, na Espanha, que, à época, já era um dos

¹ Todos os textos em latim e em italiano, pertencentes à tradição franciscana dos séculos XIII e XIV e citados neste estudo, são tomados da edição do Centro de Espiritualidade Franciscana, disponíveis em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes>. Cf. também: SILVEIRA, Ildefonso (Org.); REIS, Orlando dos (Org.) – *São Francisco de Assis: escritos, biografias, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000).

² *Legenda Maior* III, 7.

³ *Vita Prima* 12, 29-30.

⁴ Lc 10, 1. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2001.

lugares de peregrinação mais importantes e conhecidos do Ocidente, santuário que se tornaria muito caro à Ordem dos Frades Menores, lugar referenciado em diversas passagens das *Fontes Franciscanas* dos séculos XIII e XIV. Além disso, segundo o excerto, Francisco e um companheiro teriam escolhido uma região e Egídio e Bernardo teriam seguido para Compostela enquanto as outras duas duplas teriam se dirigido às partes restantes –«*partes reliquas*» –, o que sugere que todas as direções haviam sido contempladas. Assim, Tomás de Celano deseja ressaltar o caráter apostólico do grupo fundado por Francisco, a exemplo dos apóstolos que teriam ouvido de Jesus: «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura»⁵ Portanto, a Ordem teria nascido sob a égide da vocação missionária, apesar de Francisco, em determinado momento de sua vida, ter tido dúvidas acerca de sua verdadeira vocação. Sobre essa dúvida, Boaventura narra, na *Legenda Maior*, que o santo, por não confiar somente em sua opinião, teria decidido consultar os companheiros. Além disso, estando em oração, teria desejado saber a vontade de Deus. No arremate da cena, o hagiógrafo aproveita para traçar a correspondência entre Francisco e Cristo também em relação ao modo de vida adotado: iluminado por meio de um oráculo, o santo chegara à conclusão de que tinha sido escolhido por Deus para resgatar as almas desejadas pelo Diabo e que, por isso, deveria viver para todos e não somente para si, da mesma forma que Cristo, por meio de sua morte, escolhera morrer para a salvação da humanidade toda⁶.

Tomás de Celano e S. Boaventura narram o desejo do próprio Francisco de anunciar a fé cristã entre povos que cultivavam outras crenças. Segundo as narrativas desses dois hagiógrafos, no sexto ano após a conversão do santo, ele desejara alcançar o martírio. Em vista disso, decidira-se por se dirigir à Síria para pregar aos sarracenos, porém o navio em que se encontrava fora arrastado por fortes ventos em direção contrária, para a costa da Eslovênia, hoje uma parte da Croácia. Tendo retornado à Itália, ainda movido pelo desejo do martírio, resolvera ir ao Marrocos anunciar o Evangelho ao Miramolim e a seu povo. Havia chegado já à Espanha quando uma grave doença o impedira de continuar a viagem, sendo obrigado a retornar à sua terra natal. Aos treze anos de sua conversão, tentara pela terceira vez realizar seu desejo de martírio. Teria então se dirigido novamente à Síria a fim de se encontrar com o sultão da Babilônia, o que, segundo os hagiógrafos, teria de fato acontecido⁷. A pregação

⁵ Mc 16, 15. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2001.

⁶ *Legenda Maior* IV, 2.

⁷ Sobre o encontro de Francisco com o sultão, veja: MCMICHAEL, Steven J – «Francis and the encounter with the sultan (1219)». In ROBSON, Michael J. P. (Ed.) – *The Cambridge Companion to Francis of Assisi*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 127-142; e TOLAN, John – *Saint Francis and the Sultan: The Curious His-*

de Francisco teria admirado o sultão, que o convidara insistentemente para que permanecesse consigo. Depois de trocarem algumas palavras, o sultão teria lhe oferecido muitos presentes preciosos, os quais Francisco não aceitara, o que causara ainda mais admiração no Sultão. Ante o novo fracasso em conseguir o martírio, Francisco teria voltado aos países cristãos. Essa é a síntese das três expedições missionárias realizadas por Francisco. A que mais interessa a nossos propósitos é a segunda, pois, de acordo com Celano e Boaventura, foi nela que o santo, a caminho do Marrocos, chegara à Espanha, tendo passado, de acordo com alguns escritores portugueses, antes ou depois – as fontes não coincidem –, por Portugal. Desdobraremos esse assunto a partir de agora à medida que analisarmos cronologicamente os testemunhos de sua passagem pela Península Ibérica.

II

A primeira narrativa a testemunhar a passagem de Francisco pela Península Ibérica seria escrita por Tomás de Celano somente em 1228, ou seja, mais de uma década após o suposto acontecimento. Escreve Celano:

Post non multum enim temporis versus Marrochium iter arripuit, ut Miramolino et complicitibus suis Christi Evangelium praedicaret. Tanto namque desiderio ferebatur, ut peregrinationis suae quandoque relinqueret comitem, et ad exsequendum propositum spiritu ebrius festinaret. Sed bonus Deus, cui mei et multorum sola benignitate placuit recordari, cum iam ivisset usque ad Hispaniam, in faciem ei restitit, et ne ultra procederet, aegritudine intentata, eum a coepto itinere revocavit⁸.

O desejo sãofranciscano de martírio e o objetivo de pregar o Evangelho a Miramolim e a seus seguidores é tema que envolve este evento presente na narrativa não só de Celano, mas também na de outros autores do século XIII que dele textualmente dependem. Além disso, afirmam esses autores que Francisco, com esse intento, também se dirigira ao Marrocos. Entusiasmado, embora tivesse a saúde debilitada, ia à frente de seu companheiro de viagem. Chegado à Espanha, uma grave enfermidade o impedira de realizar seu desígnio. Tanto a *Vita Sancti Francisci*, escrita entre 1232 e 1235, por Juliano de Espira (falecido por volta de 1250), quanto a *Legenda Maior* de S. Boaventura têm como base o texto celanense e narram, pois, o evento nos mesmos moldes. Esses

tory of a Christian-Muslim. New York: Oxford University Press, 2009.

⁸ *Vita Prima* 20, 56.

são os primeiros testemunhos textuais da chegada de Francisco à Espanha.

No século XIV, surge outra tradição, que se inicia com os *Actus beati Francisci et sociourum eius* (entre 1327 e 1340) e com sua versão italiana, os *Fioretti* (1380 ou 1396). Segundo ela, Francisco teria se dirigido à Espanha por devoção, para visitar o túmulo de S. Tiago em Compostela⁹, e teria permanecido nesse país por algum tempo com o propósito de fundar conventos. Não há qualquer referência a seu desejo de martírio, de se dirigir ao Marrocos, ou à doença que o teria desviado desse propósito. Os *Fioretti* narram o evento nos seguintes moldes:

Al principio e cominciamento dell'Ordine, quando erano pochi Frati, e non erano ancora presi i luoghi, Santo Francesco per sua divozione andò a Santo Jacopo di Galizia, e menò seco alquanti Frati, fra' quali fu l'uno Frate Bernardo, e andando così insieme per lo cammino, trovò in una terra un poverello infermo, al quale avendo compassione, disse a Frate Bernardo: Figliuolo, io voglio, che tu rimanghi qui a servire a questo infermo, e Frate Bernardo umilmente inginocchiandosi, e inchinando il capo, ricevette la ubbidienza del Padre Santo, e rimase in quel luogo; e Santo Francesco con gli altri compagni andarono a Santo Jacopo. Essendo giunti là, e stando la notte in orazione nella chiesa di Santo Jacopo, fu da Dio rivelato a Santo Francesco, ch'egli dovea prendere di molti luoghi per lo mondo; imperocchè l'Ordine suo dovea ampliare, e crescere in grande moltitudine di Frati, e in cotesta rivelazione cominciò Santo Francesco a prendere luoghi in quelle contrade¹⁰.

Esse fragmento demonstra o interesse de Francisco e de seus primeiros seguidores de se espalharem e de estabelecerem morada noutros lugares para além da Itália. Teriam ido então a Santiago e, numa noite, durante a oração na igreja dedicada ao apóstolo, Deus mesmo lhe teria revelado que seu grupo haveria de se estabelecer em outros lugares pelo mundo. A expressão «per lo mondo» sugere o grande crescimento da Ordem, assim como «dovea ampliare», «crescere» e «grande moltitudine di Frati». Depois da revelação divina, Francisco começara, de acordo com o texto, a estabelecer lugares com a presença de frades naquela região da Galiza¹¹. A revelação divina, por seu turno, indica que a

⁹ Sobre esse assunto, veja: LLAVAT, Agustín Boadas; MAYOR, José Martí – «San Francisco por el Camino de Santiago. Historia y Leyenda». In *VI Curso de Verano: San Francisco en la historia, arte y cultura española*, vol. 2, 2002, p. 237-258.

¹⁰ *I Fioretti*, 4.

¹¹ Durval de Moraes, tradutor da versão da Editora Vozes dos *Fioritti*, verte o termo «luoghi» para «conventos», o que apresenta concepção de um grupo institucionalizado. A tradução parece estar coerente se pensarmos que o próprio autor anônimo refere-se ao grupo com o termo «Ordine», que reforça a conotação de um grupo institu-

expansão da Ordem não se realizava por ambição de Francisco, mas era desejo do próprio Deus; uma maneira, talvez, de justificar a construção de casas nesse trabalho de missionação.

O texto dos *Actus* de dos *Fioretti* não possuem relação com o que é narrado por Celano e aqueles que dependem da legenda celanense. Estamos diante de duas tradições distintas que se cruzariam no decorrer da história, sendo fundidas na composição de outros textos já a partir do século XIV. Segundo Valentín Redondo, o primeiro a fazê-lo teria sido Frei Arnaldo de Serrano, ministro provincial da Aquitânia, em sua obra *Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum* (por volta de 1370)¹². No século XV, Frei Mariano de Florência (1477-1523), de forma análoga, em seu *Compendium Chronicorum Ordinis FF. Minorum*, «harmoniza a tradição do século XIII com a que se introduz no século XIV»¹³. *La Franceschina* (1474), escrito em dialeto umbro por Frei Tiago Oddi de Perusa, é outro texto desse século a narrar a passagem do fundador pela Espanha, sem fazer menção, no entanto, ao desejo de peregrinação ao Marrocos. Assinala apenas que o santo teria se dirigido à igreja dedicada ao apóstolo e que, estando em oração, Deus lhe teria advertido que adquirisse lugares por todo o mundo¹⁴.

Nesses textos do século XIII, XIV e XV, como averiguamos, não há qualquer menção à passagem de Francisco por Portugal. Frei Marcos de Lisboa parece ser o primeiro a referi-la. Nas *Crônicas da Ordem dos Frades Menores* (1557), escreve que o santo, após ter partido de sua terra natal com destino ao Marrocos, teria ficado doente. E continua:

Mas em Espanha recreceraõlhe tantas infirmitades, ã não pode por em effecto sua intenção, & cõ muito trabalho visitou a casa do Apostolo Santiago em Galiza, e estando em oração ante o seu altar lhe foi reuelado do senhor, ã tornando pera Italia lhe serião oferecidos algũs lugares pera sua familia habitar, & ã sua tornada era necessaria pera cõfirmar & corroborar sua ainda noua, & tenra familia, ã de sua presença tinha necessidade. Nesta romaria a Sãtiago entrou o santo Padre em Portugal, & passou pola villa de Guimaraẽs, em a qual (segundo algũs dizem) resuscitou hũa defunta filha do hospede ã o agasalhou. Tambẽ se acha scripto, ã vio a Rainha dona Horraca

cionalizado. Quando foi escrito, no século XIV, talvez essa fosse a intenção do autor, no entanto, na nossa análise, preferimos traduzi-lo por «lugar», já que, as primitivas moradias dos frades eram, na verdade, habitações muito precárias, ou cabanas e grutas em que eles se reuniam para a oração e o repouso, como o próprio tradutor alude na nota 4, à página 1086 da citada edição.

¹² REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Madrid: San Pablo, 2014, p. 37, nota 4.

¹³ REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 70.

¹⁴ REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 37.

*mulher del Rey de Portugal dô Afonso o segũdo, e q̃ ficou hũa profecia do santo, q̃ este reino de Portugal nũca seria junto aos reinos de Castela*¹⁵.

O cronista funde as duas tradições: Francisco teria visitado a Igreja de Santiago após uma enfermidade ter-lhe impedido de chegar ao Marrocos. É necessário notar, porém, que a revelação divina no momento de oração no templo do apóstolo difere daquela que consta na tradição iniciada pelos *Actus/I Fioretti*, segundo a qual Deus revelara-lhe que a Ordem se espalharia e que Francisco teria começado ali mesmo, na região da Galiza, a edificar conventos. Frei Marcos de Lisboa não faz referência à fundação de conventos nessa região da Espanha; pelo contrário, a revelação divina mostra-lhe que, ao retornar à Itália, ser-lhe-iam oferecidos lugares para seus seguidores estabelecerem morada. Por que o cronista português silencia sobre a fundação de conventos no reino vizinho? Antes de respondermos a essa questão, é importante notar que Francisco, segundo o cronista, teria passado por Portugal quando de sua peregrinação a Santiago. Em Guimarães, teria ressuscitado a filha do hospedeiro que o havia acolhido. Tal fato parece ter-se fixado por meio da tradição oral, como o próprio autor refere ao afirmar «segundo alguns dizem». Depois comenta sobre o encontro de Francisco com a rainha D. Urraca, o que «se acha escrito», comenta Frei Marcos sem, contudo, citar quem o escrevera ou indicar as fontes textuais. Além disso, Francisco teria profetizado que o reino de Portugal nunca se uniria aos reinos de Castela. Tal profecia liga-se ao silêncio antes indicado e sugere que o próprio santo estava ao lado dos portugueses e compartilhava dos sofrimentos deles advindos do embate com o reino vizinho. Em outras palavras, o silêncio do cronista sobre a fundação de conventos na Espanha é estratégia para não evidenciar o prestígio e a fama de que certamente gozava a província espano-franciscana por ter sido edificada pelas mãos do fundador dos Menores. Ao contrário, Frei Marcos enfatiza a passagem e os eventos milagrosos realizados por Francisco em terras portuguesas, o que contrasta diretamente com o referido silêncio. A profecia sãofranciscana arremata toda essa construção textual e colabora para colocar em destaque as províncias franciscanas do reino de Portugal, que estariam em pé de igualdade com qualquer outra província fundada pelo santo. O tempo em que Frei Marcos redige suas *Crônicas* é marcado pelas tensões políticas entre Portugal e Espanha e pouco mais de vinte anos após a publicação delas, em 1581, os dois reinos seriam unificados, tendo à sua frente D. Felipe II (1527-1598), que, após intensas disputas, teria feito valer

¹⁵ *Crônicas*, fol. 33v-34r. Edição utilizada: LISBOA, Marcos de – *Crônicas da Ordem dos Frades Menores* (1ª parte / Edição fac-símile). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.

seus direitos de sucessão promovendo a união ibérica.

Dois dos mais importantes escritores franciscanos da Idade Moderna, o italiano Francisco Gonzaga (1546-1620) e o irlandês Lucas Wadding (1588-1657)¹⁶ também se referem à passagem de Francisco por Portugal. Gonzaga o faz em sua obra *De origine Seraphicae Religionis Franciscanae eiusque progressibus* (1587) ao afirmar que o santo teria ido à Espanha pela França, visitado a igreja do apóstolo em Compostela e, no retorno à Itália, passado por Portugal¹⁷, tendo fundado um convento em Bragança¹⁸. Wadding, por sua vez, nos seus famosos *Annales Minorum* (1625-1654, em oito volumes), apresenta Santiago como centro de expansão da Ordem na Espanha, lugar de onde o fundador dos Menores partira, passando por Guimarães, diocese de Braga, onde teria ressuscitado a filha de quem o hospedara. Segundo o analista, teria depois se dirigido a Viana ou Esposende e visitado a rainha Dona Urraca, quando teria profetizado que Portugal nunca se uniria à Espanha¹⁹. Em seguida teria se encaminhado para a Ciudad Rodrigo, fora já dos limites de Portugal²⁰.

D. Francisco Manuel de Melo é outro português a aludir à passagem de Francisco por Guimarães. Em *El mayor pequeño*, o faz nos seguintes termos:

Portugal, entre los màs, le recieue deuoto. Iustissimo agasajo, que reyno, cuyas armas son llagas de Christo, reconociesse como padre al ã tan presto auia de ser su Hermano en armas.

Peregrino caminaua al glorioso patron de España, quando en la prouincia Interamnense, famosa em Lusitania (dicha de nosotros Duero y Miño) grattissimo a la deuocion de Horraca, muger del segundo Alfonso, tercero Rey de los nuestros, la buscò Guimaranes, corte entonces de aquellos santos Reyes, y hospital de aquellos santos peregrinos [...].

Aquí prefetico su espíritu, promete la perpetuidad de la Portuguesa corona. Gran Consuelo, como grã marauilla, sus palabras, en la esclauitud, y redencion, tener a Dios por fiador, a Francisco por testigo! Admirado lo escucha el mundo; Portugal glorioso lo cree, y lo refiere²¹.

¹⁶ Lucas Wadding conhecia bem a realidade dos franciscanos de Portugal, já que, em 1604, chegara a Lisboa. Tornara-se frade de S. Francisco em 1607, tendo realizado o noviciado em Matosinhos. Depois fora enviado à Universidade de Coimbra a fim de estudar teologia, se distinguindo no estudo das *Sagradas Escrituras*. Em 1613, seria ordenado sacerdote pelo bispo de Viseu.

¹⁷ REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 37.

¹⁸ FARIA, Francisco Leite de. «São Francisco e Portugal. Síntese histórico-bibliográfica». *Arquivo Ibero-Americano*, XLII, n. 165-168, 1982, p. 454.

¹⁹ FARIA, Francisco Leite de – «São Francisco e Portugal. Síntese histórico-bibliográfica». Ob. cit., p. 455.

²⁰ REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 77.

²¹ MELO, D. Francisco Manuel de – *El mayor pequeño. Vida, y mverte del Serafin humano Francisco de Assis*. En Lisboa: por Manuel da Sylua, año 1647, fol. 53v-54r.

Francisco é apresentado nesse excerto como irmão de Portugal nas armas, pois ambos exibem as chagas de Cristo como distintivo. O autor narra a passagem do santo pelo norte de sua pátria, entre os rios Douro e Minho, e seu encontro com a rainha D. Urraca. Refere-se também à profecia sãofranciscana apontada por Frei Marcos de Lisboa e por Lucas Wadding, alterando, contudo, os dizeres... Para ele, Francisco não havia dito que os dois reinos nunca se uniriam, mas que a coroa portuguesa teria perpetuidade. Tal mudança era necessária, já que, à altura da redação do texto, D. João IV, duque de Bragança, reinava em Portugal já há seis anos, tendo sua elevação ao trono colocado fim ao governo da dinastia filipina, antes responsável pela unificação dos dois reinos.

«Como veio a Hespanha nosso padre são Francisco pera padecer martyrio, & que caminho trouxe na vinda a Portugal», esse é o título que Frei Manoel da Esperança – outro português a apontar a passagem de Francisco por Portugal – dá ao primeiro capítulo da primeira parte da sua *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal* (1656). Antes de tratar desse assunto, «no ponto 3» do «Prelúdio II», afirma que Francisco «discorreo muitas vezes por Italia, andou França, entrou pelos reinos de Castella, chegou ao nosso Portugal, pretendè passar a Africa, embarcouse pera Syria, & fez outras digressoẽs»²². Esse cronista é o mais detalhista ao tratar desse assunto, já que dedica a ele, de maneira mais enfática, os quatro primeiros capítulos de sua crônica. Escreve que o santo, saindo de Ciudad Rodrigo, na Espanha, teria entrado em Portugal, passado pela Guarda, teria subido até Guimarães, entrado em Braga por Ponte de Lima – onde teria descansado e bebido numa fonte, que, quando o cronista escreve, ainda era chamada de «São Francisco» – e, finalmente, teria chegado a Compostela; na volta, em direção à Catalunha, passara por Bragança, onde teria fundado um convento²³. Portanto, Frei Manuel da Esperança inverte o itinerário proposto por Lucas Wadding e faz Francisco entrar em Compostela após ter passado por Portugal. Ele narra também o encontro com a rainha D. Urraca e alude à citada profecia, e é nesse ponto que seu relato se torna mais interessante. «Nestas vistas», escreve o cronista, «lhe profetizou o Santo, q̃ este reino de Portugal nuca seria junto a os reinos de Castela, como o achou escrito o dito padre frei Marcos, e que também o escreveu»²⁴. Depois, o autor reconhece

²² ESPERANÇA, Manoel da (Frei) – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. (Primeira Parte). Em Lisboa: Na officina Craesbeekiana, 1656, p. 5.

²³ ESPERANÇA, Manoel da (Frei). – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 43.

²⁴ ESPERANÇA, Manoel da (Frei) – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 44.

que muitos criticaram a veracidade dessa profecia, apesar de ser mantida na edição das *Crônicas* de Frei Marcos publicadas em Salamanca²⁵. Por que Frei Manoel da Esperança refere-se justamente à edição publicada na Espanha? Não poderia o autor ter mencionado qualquer outra edição disponível em seu tempo, como a italiana, a francesa ou a alemã? Obviamente que poderia tê-lo feito, mas ao citar a edição espanhola, o cronista talvez, implicitamente, queira ressaltar a passagem de Francisco por Portugal e enfatizar também a profecia. Por qual motivo? Para, assim como anteriormente fizera Frei Marcos de Lisboa, colocar Portugal no mesmo grau de importância que o reino vizinho, com o qual rivalizava, mostrando que os franciscanos portugueses também descendiam diretamente do fundador da Ordem e, portanto, deviam ser assim reconhecidos. No entanto, diferentemente de Frei Marcos, esse cronista escreve mais de uma década após a Restauração de Portugal e se vê obrigado a interpretar a profecia de Francisco porque não seria admissível, obviamente, que o santo tivesse errado em seu vaticínio. O argumento do cronista se baseia no que se encontra escrito na *Restauração de Portugal Prodígiosa* (1643), obra possivelmente²⁶ escrita por D. Gregório de Almeida, pseudônimo de João de Vasconcelos (1592-1661). Almeida, citando Frei Marcos de Lisboa, descreve que Francisco, no desejo de martírio, tendo como destino a África, teria chegado à Espanha quando fora acometido por muitas enfermidades, que o impediram de realizar o intento. Teria visitado, então, a casa do apóstolo São Tiago e depois entrado em Portugal, passando pela vila de Guimarães, onde teria se dado o encontro com a rainha D. Urraca, quando teria feito a citada profecia²⁷. Depois, o texto prossegue da seguinte maneira:

Della contudo duuidaraõ algũas pessoas, principalmente depois que viraõ este Reyno de Portugal sogeito aos Reys de Castella, & os que antes deste successo nenhum escrupulo tinhão da verdade della, depois que se vio o efeito, ao parecer, encontrado com a prophecia, começaraõ a reparar na qualidade do fundamento com que o Padre Frey Marcos a escreuena, & particularmente Autores Castelhanos, aos quaes esta izenção & diuisão entre Portugal, & os seus Reynos, não seruia.

Ià por este respeito as Cronicas do Padre Frey Marcos, que se estamparaõ em Salamanca, não fallão nesta prophecia, como se o não fora, por lhe não

²⁵ ESPERANÇA, Manoel da (Frei) – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 44.

²⁶ Obra também atribuída a Manuel de Escobar (1587-1665).

²⁷ ALMEIDA, D. Gregório de – *Restauração de Portugal prodígiosa*. Em Lisboa: Por Antonio Alvarez Impressor Del Rey N. S., 1643, p. 55-56.

*armar, nem estar bem à razão do seu Estado: porem as q̃ se imprimiraõ neste Reyno no anno de 1615. sahiram a luz com esta prophecia, sem auer quem nella reparasse, ou duuidasse*²⁸.

Esse excerto alude ao descrédito em que havia caído a profecia, principalmente, como pondera o autor, na visão de escritores castelhanos. Depois menciona que ela não está presente nas *Crônicas* de Frei Marcos editadas em Salamanca, certamente referindo-se à edição publicada nessa cidade, pela imprensa de Antonia Ramirez, em 1626²⁹. Nelas narra-se o encontro de Francisco com a Rainha D. Urraca: «En esta Romeria a Sátiago entrò el S. P. en Portugal [...]» e, ao passar por Guimarães, «vio a la Reyna doña Vrraca muger del Rey de Portugal don Alonso el Segũdo»³⁰. Seria natural, como acontece no texto em português e mesmo em outras traduções espanholas³¹, que, na sequência, a narrativa se referisse à citada profecia. Entretanto, nessa edição, ela é suprimida pelo tradutor, provavelmente porque, em seu entendimento, não fosse decoroso que tal vaticínio tivesse sido feito pelo santo, já que, quando essa edição fora publicada, D. Filipe III (1605-1665) reinava na Espanha e em Portugal. Além disso, é curioso o fato de o autor da *Restauração de Portugal* e o da *História Seráfica* divergirem quanto à presença ou não da profecia na edição das *Crônicas* de Salamanca. Por que Frei Manoel da Esperança afirma que essa edição espanhola apresenta a profecia sendo que, como acabamos de ver, nela não há qualquer referência ao evento? Teria Esperança consultado outra edição, também publicada em Salamanca, hoje desconhecida? Acreditamos que não, pois mesmo que assim o fosse, esse cronista lera a *Restauração*, onde seu autor, como acabamos de verificar, critica o fato da profecia ter sido suprimida pelo tradutor. Talvez o autor da *História Seráfica* desejasse enfatizar a importância da profecia ao destacar que mesmo a edição espanhola a ela fazia referência. No entanto, não está clara a escolha da edição de Salamanca quando havia outras edições espanholas que se referem à profecia e que poderiam ser citadas. De qualquer modo, é possível sugerir que o tema da profecia fora recuperado pelo frade cronista a partir da leitura da *Restauração*.

²⁸ ALMEIDA, D. Gregório de – *Restauração de Portugal prodigiosa*. Ob. cit., p. 56.

²⁹ Trata-se da seguinte edição: LISBOA, Marcos de (Frei) – *Las tres partes de las Chronicas antiguas de la Orden de los frayles menores de nuestro Seraphico Padre San Francisco* [...]. Tomo Primero. En Salamanca: En la Imprensa de Antonia Ramirez, 1626.

³⁰ LISBOA, Marcos de (Frei) – *Las tres partes de las Chronicas antiguas de la Orden de los frayles menores de nuestro Seraphico Padre San Francisco* [...]. Ob. cit., p. 55-57.

³¹ Como exemplo, podemos citar a seguinte edição, publicada ainda durante o reinado filipino: LISBOA, Marcos de (Frei) – *Primera parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores. Tradovida de lengva portuguesa em Castellana, por el muy reuerendo Padre Fray Diogo de Nauarro* [...]. En Barcelona: Por Pedro Lacavalleria, 1634.

Construído esse quadro, pode-se questionar como D. Gregório de Almeida e Frei Manoel da Esperança resolvem o problema da veracidade da profecia. Ambos explicam que há dois tipos de profecia, uma chamada de condicional e outra de absoluta. O primeiro autor afirma «que nem todas as profecias, & promessas diuinas, são sempre absolutas, senão que algũas são condicionaes»³². Por profecia condicional, conforme a explicita Frei Manoel da Esperança, entende-se o vaticínio que depende de outro fato para que se realize. No caso da profecia sãofranciscana, Portugal não se uniria ao reino de Castela com a condição de «que os peccados deste reino não merecessẽ o côtrario»³³. No entanto, Esperança acredita que tal profecia, na verdade, é absoluta, pois Portugal nunca esteve unido à Espanha, mas apenas sujeito: «Porque o Santo não disse, que o reino de Portugal nunca seria sujeito aos Reis de Castela, na qual sujeição esteue sessenta annos: mas disse, que nunca seria junto (he o mesmo, que vnido) aos reinos de Castela»³⁴. Depois o autor procura provar que houve sujeição e não união. Neste último caso, seriam unidos castelos, territórios, igrejas e reinos, que perderiam seus foros próprios dependendo inteiramente dos alheios; «o que nós ainda não vimos em Portugal, porque atẽ quando Castella o governaua, sempre conseruou a sua forma, & majestade antiga»³⁵. Assim sendo, a profecia de Francisco havia se cumprido, diferentemente do que afirmavam muitos autores espanhóis, como Damián Cornejo. Em sua *Chronica Seraphica* (1682), esse cronista declara incerta a passagem de Francisco por Portugal, e afirma que Frei Marcos de Lisboa havia dito apenas que ela estava escrita sem apresentar qualquer fundamento.

De este principio se infere ser igualmente dudosa outra noticia que diò à luz la primera vez nuestro Chronista Fr. Marcos de Lisboa, dizendo, que el Glorioso, y Serafico Padre dexò revelado à la Reyna Doña Vrraca en la platica que con ella tuvo, que el Reyno de Portugal, nunca se veria vnido con el de Castilla. Suas palavras en su idioma Portuguès, son estas [...]. Este fue primero, que diò à la prensa esta noticia, sin mas fundamento, que dezir se hallava escrita, sin apoyarla, ni con la tradicion, ni con la cita de algun Autor grave, que son las cosas que dãn peso à lo que se dize, para que se crea sin nota de liviandad [...]. Escreviò su Chronica en tiẽpo, que con esta noticia lisongeaba à sus Paysanos, siempre mal afectos al partido de Castilla

³² ALMEIDA, D. Gregório de – *Restauração de Portugal prodigiosa*. Ob. cit., p. 58.

³³ ESPERANÇA, Manoel da (Frei). – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 45.

³⁴ ESPERANÇA, Manoel da (Frei). – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 46.

³⁵ ESPERANÇA, Manoel da (Frei). – *Historia serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Ob. cit., p. 46.

[...] *empero, que escriviesse lo que avia oydo, cedendo en gloria de su patria*
[...]³⁶.

Damián Cornejo contesta a veracidade da profecia. Defende que Frei Marcos escrevia em momento de contenda entre os dois reinos e que, por isso, teria desejado enaltecer Portugal. O cronista lembra que D. Francisco Manuel de Melo também escrevera, em seu *El Mayor Pequeño*, a respeito da profecia, afirmando que Francisco, diferentemente, teria prometido a perpetuidade da coroa portuguesa, o que demonstra a disparidade de opiniões em torno do presságio³⁷. Contudo, defende Cornejo, se fosse preciso dar crédito a algum dos autores que opinaram a respeito desse assunto, esse deveria ser Frei Marcos de Lisboa porque fora o primeiro a se referir à profecia. Em seguida, utiliza o mesmo argumento de D. Gregório de Almeida e de Frei Manuel da Esperança acerca da “profecia absoluta” ao afirmar que não se podem chamar reinos unidos aqueles que se governam por suas próprias leis, «y es cierto, que el de Portugal se governò siempre por sus leyes, y se mantuvo en sus Fueros, y Privilegios, distintissimos en todo de los de Castilla»³⁸.

Outro testemunho da passagem de Francisco por Portugal é a *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição* (1740)³⁹, crônica da Província Franciscana de Santo António de Portugal, escrita por Frei Martinho do Amor de Deus (?-1749). No «Capítulo II», escreve que o mundo, à época de Francisco, estava imerso em vícios, porque Deus já não era mais buscado nos templos e nem adorado no sacramento da eucaristia. E como o próprio Deus não podia se encarnar novamente, destinou tal missão a Francisco, que «desalçou os çapatos, lançou fóra o chapeo, despio a camisa, e cingido com uma corda [...] sahio pelo Mundo a pregar»⁴⁰. Na realização dessa missão, Frei Martinho atribui importância ímpar a Portugal, como se apreende do fragmento a seguir:

E para que Portugal participasse com mais circunstancias desta Reforma, passou a Espanha o N. Santo Patriarcha dilatando-se na Cidade de Bragança [...]; e bem se mostra o quanto Deos soccorre com especialidade este Reyno,

³⁶ CORNEJO, Damián (Frei) – *Chronica Seraphica. Vida del Glorioso Patriarca San Francisco, y de sus discipulos*. Parte Primera – En Madrid, por Juan Garcia Infançon, 1682, p. 204.

³⁷ CORNEJO, Damián (Frei) – *Chronica Seraphica. Vida del Glorioso Patriarca San Francisco, y de sus discipulos*. Parte Primera. En Madrid, por Juan Garcia Infançon, 1682, p. 204.

³⁸ CORNEJO, Damián (Frei) – *Chronica Seraphica. Vida del Glorioso Patriarca San Francisco, y de sus discipulos*. Parte Primera. En Madrid, por Juan Garcia Infançon, 1682, p. 204-205.

³⁹ DEUS, Martinho do Amor de (Frei) – *Escola de Penitencia, caminho de perfeião. Estrada segura para a vida eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio da Regular, e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, nos Instituto Capucho neste Reyno de Portugal*. Tomo I. Lisboa Occidental: Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1740.

⁴⁰ DEUS, Martinho do Amor de (Frei) – *Escola de Penitencia, caminho de perfeião* [...]. Ob. cit., p. 08.

vendo as batarias, que o demonio lhes fazia, pois he huma parte do Mundo, e da sua Igreja, Portugal, manda hum tão grande Capitão General, como Quartel Mestre, a medir o terreno para accomodar os seus soldados; e não he muito que se a hum Rey Portuguez, entrando na batalha lhes dêsse as suas Chagas por escudo (como sabemos que deu ao Senhor D. Affonso Henriques) que outro Rey viesse dar a N. Serafico Padre de Portugal as suas Quinas⁴¹.

De acordo com Frei Martinho, Portugal fora escolhido por Deus para fazer parte desse plano de «reforma», o que podia ser confirmado pela passagem do santo por esse país. Depois o autor se refere ao paralelismo entre Francisco e D. Afonso Henriques, já que ambos, cada qual à sua maneira, receberam as chagas de Cristo. O rei português parece ser como um predecessor do santo de Assis, enviado por Deus para «medir o terreno» para um acontecimento futuro ainda maior: a passagem do santo por essas terras lusitanas⁴².

Frei Jeronimo de Belém (1692-?), em sua *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves* (Primeira Parte, 1750), é outro cronista a defender a passagem do santo por Portugal. Na introdução – uma espécie de síntese da vida de Francisco –, escreve:

Francisco, sem parar, pretende segunda viagem a Marrocos; mas satisfeito em delegar seus desejos a dous discipulos, passa de Italia a Hespanha com prospero successo; e vencendo difficuldades, e embarços, chega tambem a Portugal, que devoto o recebe, reconhecendo, como pay, ao mesmo, que com brevidade havia de ser seu irmão pelas Chagas, que signalando hum, honorificou a outro⁴³.

Frei Jeronimo de Belém estabelece, pois, uma correlação entre Francisco e Portugal, ambos marcados pelas chagas de Cristo. Na sequência, recupera o que disseram os autores anteriores: em Guimarães teria se encontrado com a rainha D. Urraca e prognosticado a perpetuidade da coroa portuguesa; depois teria se dirigido à Compostela para visitar o corpo e o santuário de S. Tiago, onde

⁴¹ DEUS, Martinho do Amor de (Frei) – *Escola de Penitencia, caminho de perfeição* [...]. Ob. cit., p. 08-09.

⁴² Sobre a analogia entre D. Afonso Henriques e S. Francisco de Assis, veja: XAVIER, Ângela Barreto – «Looking through the Vizão Feita por Xpo a el Rey Dom Affonso Henriques (1659). Franciscans in India and the legitimization of the Braganza monarchy». In *Culture & History Digital Journal*, 5(2), 2016, p. 1-19; e MAERKI, Thiago – *Hermenêutica seráfica: a representação hagiográfica de Francisco de Assis na cultura letrada portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. 423 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2018.

⁴³ BELÉM, Jeronimo de (Frei) – *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia do nosso serafico Padre S. Francisco*. Parte Primeira. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1750, p. IX.

fundara alguns conventos; e, por fim, teria retornado à Itália⁴⁴. Mais à frente, no primeiro capítulo, retoma esse tema e afirma que Francisco teria entrado em Portugal em 1214. «Na antiga Villa, e hoje Cidade de Bragança, deliniou o Serafim Patriarca o primeiro Convento» e «este, e não outro, foy o primeiro Convento, que se fundou neste Reyno»⁴⁵. O autor toca em um debate secular sobre qual teria sido o convento diretamente fundado por Francisco e que, por isso, teria o privilégio de primazia. Não entraremos nesse árduo assunto porque, nos limites deste trabalho, como ficará claro a seguir, basta saber que Francisco, segundo alguns autores, teria fundado convento – ou conventos – nessa terra de Camões.

Como vimos, segundo os textos que temos examinado, Francisco teria passado por Portugal, especificamente pela região norte: Guimarães, Guarda, Ponte de Lima, Braga e Bragança, por exemplo. Outra tradição, descoberta somente na primeira metade do século XX, refere-se à passagem do santo por Trancoso. António Monteiro Flor, irmão da Ordem Terceira dessa cidade, teria encontrado, dentro de um livro de um arquivo que lhe ficara confiado entre 1916 e 1919, uma folha de pergaminho solta e escrita em português antigo. Apesar de não conseguir «traduzir» o texto, teria identificado que tratava da passagem de Francisco por Trancoso. Teria então copiado o texto e colocado o original novamente no livro. Em fevereiro de 1919, as tropas republicanas teriam se dirigido para o norte do país e se aquartelado na Casa da Ordem Terceira de Trancoso. Tendo acabado o combustível, teriam feito fogueiras com os livros do arquivo, o que teria destruído o citado pergaminho⁴⁶. Segundo Bartolomeu Ribeiro, uma cópia sobrevivera e sua «tradução», realizada por Davide Bruno Soares Moreira, teria sido publicada pela primeira vez na *Folha de Trancoso* em 13 de dezembro de 1936⁴⁷. Ribeiro – ele próprio o declara – recebera um exemplar dessa cópia, oferecida por Moreira, a qual seria publicada no dia 6 de junho de 1942 no *Boletim Mensal. Missões Franciscanas e Ordem Terceira*, por meio do qual tivemos acesso ao texto do suposto antigo pergaminho⁴⁸. Apesar de longo, é importante transcrevê-lo na íntegra:

D. Gonçalo Mendes de Sousa, Alcaide-Mór de Trancoso. Faça esta

⁴⁴ BELÉM, Jeronimo de (Frei) – *Chronica Seráfica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia do nosso seráfico Padre S. Francisco*. Parte Primeira. Ob. cit., p. IX.

⁴⁵ BELÉM, Jeronimo de (Frei) – *Chronica Seráfica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia do nosso seráfico Padre S. Francisco*. Parte Primeira. Ob. cit., p. 1.

⁴⁶ RIBEIRO, Bartolomeu – «S. Francisco de Assis nas dioceses da Guarda e de Viseu». In *Boletim Mensal. Missões Franciscanas e Ordem Terceira*, ano XXXV, v. 6 (junho), 1942, p. 178.

⁴⁷ RIBEIRO, Bartolomeu – «S. Francisco de Assis nas dioceses da Guarda e de Viseu». Ob. cit., p. 178-179.

⁴⁸ Valentín Redondo também se refere à tradição de Trancoso. Veja: REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 182.

Memória por indicação de meu padrinho (?) o muito reverendo Cónego do Santíssimo Sacramento. Em o terceiro domingo de Março de 1252 (1214) houve grande rumor e alvoroço nesta Vila e fui imediatamente investigar e nesta ocasião foi-me dito que eram Homens de Almeida e falando eu aos mesmos Homens me disseram ter aqui chegado, viajando das Hespanhas e tendo entrado por Almeida, um Homem tido por Santo; ali tomou Homens por companhia até esta vila e por eles sou conhecedor que chegaram aqui ao declinar do dia, ao sol-pôsto.

Êle disse chamar-se neste mundo, Francisco; era de Itália, natural de Assis, e era um frade humilde, pobre, simples, magro.

Francisco ou frade Santo acolheu-se à Igreja de S. Bartolomeu o Velho, agora dedicada a S. Sebastião, sita no princípio das pastagens; ali ficou a orar, a rogar, a suplicar, só, junto do Cadeiral; não trazia alforge e foi abonado de viveres que aceitou amavelmente agradecendo.

Ao outro dia e ao alvorecer juntaram-se todos os Homens e todos os rapazes povoadores desta vila na igreja de S. João Extra e a esta foi trazido o Frade Santo; aqui fez prédica, pregação, doutrinas com inspiração, carinhosamente, contra os soberbos, eivados de vícios, os avarentos, os lascivos, os adúlteros, orgulhosos.

Foi perfeitamente compreendido e em seguida combinou e aprazou os Homens e mulheres numa Santa Irmandade de Penitência para aumentar a fé na religião Católica e nossa salvação; então ali ensinou a reza do decenário 70 Avé-Marias num Padre-Nosso cada dezena, reza que aumenta toda a devoção à Virgem Nossa Senhora, a todos impôs as mãos. Escolheu para seu Ministro, concordando todos, a Fernão Mendes, e tendo convidado para ajudar e abreviar o ordenamento (da Irmandade) além disso a Simão Gomez, cirurgião, para incitar êste, diante de todos, estando de joelhos de rastros lhe após as suas mãos com ordem dêste escolhera outros e êsses outros a outros, para sempre (através dos séculos) e que eles sejam sempre escolhidos por imposição das mãos com obrigação de dizerem três vezes no ano esta maldição:

Seja amaldiçoado do Deus, Padre, do Deus Filho, do Deus Espírito Santo, todo aquele que tentar destroçar, corromper ou retirar-se desta Santa Irmandade da Penitência.

Seja amaldiçoado do Deus Padre, do Deus Filho, do Deus Espírito Santo, da Santa Virgem Maria, todo aquele que destroçar, corromper ou retirar-se desta Santa Irmandade da Penitência.

Seja amaldiçoado do Deus Padre, do Deus Filho, do Deus Espírito Santo, da Santa Virgem Maria e de S. Miguel Arcanjo, todo aquele que tentar

destróçar, corromper, abandonar esta Santa Irmandade da Penitência.

Após isto o Frade Santo fez uma procissão e ia cantando ladainhas, após, com a Rica-Domma Alionor á frente, iam as mulheres de alfereme (?) levando uma cruz sem o Flagelado; detrás os homens com uma cruz sem o Flagelado; de S. João Extra-Muros (foram) ao sitio em frente da Senhora do Sepulcro (Fresta) e daqui à igreja do Santíssimo Sacramento (S. Pedro) dentro da Vila e daquela a S. Sebastião no fim do Campo; fizeram-se hábitos e capas de burel com cinta de apertadoiro igual ao do Frade Santo.

O Frade Santo recolheu-se a S. Sebastião esteve três dias três noutes e ali fez pregação, exortando e dando ensinança.

Dispensou os Homens de Almeida e aqui tomou três Homens: Mendo o Cego, Sueiro o velho, Gomércio Garcia o rico.

Desfez a companhia e alongou o caminho em direcção à Guarda onde esteve 3 dias; ao terceiro dia vieram todos a Linhares, aqui esteve 2 dias, vieram todos a Celorico, aqui esteve 3 dias; aqui despediu os Homens de Trancoso e tomou outros e tomaram rumo a Viseu.

Isto me disseram os Homens tornados a Trancoso e que foram seus companheiros à Guarda, Linhares e Celorico ter feito e além disto nada mais acrescentam.

O senhor Cônego Sueiro do Santíssimo Sacramento o Mandou confirmar. Damos fé e ninguém pode contestar o que dissemos⁴⁹.

Esse documento apresenta uma tradição «demasiado detalhista»⁵⁰, à qual os cronistas franciscanos citados anteriormente não se referem. Não é difícil notar-lhe o tom lendário, possivelmente na tentativa de justificar a «primazia» da Irmandade de Trancoso por ter sido fundada pelas mãos do próprio Francisco, intitulado, no texto, «frade santo». Ademais, a maldição sugerida pelo santo corrobora a importância dessa irmandade, já que aqueles que dela se retirassem ou contra ela se colocassem deveriam ser amaldiçoados. Depois o texto refere-se à procissão que, à maneira descrita, possui características de devoção popular: cantando ladainhas, as mulheres vão à frente carregando uma cruz; os homens, igual modo, seguem atrás. O cortejo passa por várias igrejas ou capelas, ritual que culmina com a cena da vestição, em que os futuros integrantes da irmandade recebem hábito semelhante ao do «frade santo». Tornam-se, pois, seus seguidores, acolhidos e abençoados pelas próprias mãos de Francisco.

⁴⁹ *Apud* RIBEIRO, Bartolomeu – «S. Francisco de Assis nas dioceses da Guarda e de Viseu». Ob. cit., p. 179-180.

⁵⁰ REDONDO, Valentín – *El viaje de San Francisco a España*. Ob. cit., p. 182.

III

Expomos e examinamos muito do que foi escrito acerca da passagem de Francisco pela Espanha e, especificamente, por Portugal, a começar pelas *Crônicas* de Frei Marcos, passando pela *História Seráfica* de Frei Manoel da Esperança e chegando ao suposto documento destruído pelas tropas republicanas em 1919. Embora não haja provas concretas da passagem do santo pela terra de Camões, não se pode negar o esforço em construir uma memória em torno desse tema que, como se vê, se desdobrou em diversas versões e tradições diferentes. De qualquer forma, a passagem de Francisco por Portugal foi aceita por muitos até o século XVIII. Nesse sentido, Jorge Cardoso (1606-1669) parece sintetizar o que seus contemporâneos pensavam acerca do assunto. Na terceira parte de seu *Agiologio Lusitano*, escreve: «Os primeiros Religiosos da humilde, & pobre família Franciscana, que puzerão os pès em Portugal, foi o mesmo Seraphico Padre, Fundador della, cõ seus veneraueis companheiros, F. Bernardo, & F. Masseu, correndo o an. 1214»⁵¹.

Por que esse esforço em afirmar e reafirmar a passagem de Francisco por Portugal? A resposta não parece tão simples, mas estamos certos de que o objetivo era apresentar Portugal e a Ordem Franciscana portuguesa como escolhidos por Deus para levar a cabo o plano salvífico de um Império Universal luso-franciscano. A expansão dos franciscanos portugueses pelo mundo conhecido e a criação de um «orbe seráfico-português» seria uma das consequências desse plano. Tais relações são defendidas de maneira direta, por exemplo, por Frei João de Nossa Senhora, na «Aprovaçam do M. R. P. Fr. Joam de N. Senhora, qualificador do Santo Officio, Chronista da Provincia dos Algarves, &c», presente no *Claustro Franciscano, erecto no dominio da coroa Portugueza* (1740)⁵², do franciscano leigo Frei Apolinário da Conceição (1692-antes de 1759)⁵³:

Sempre se unio bem este Reyno com este Santo. No mesmo século, em que principiou o Lusitano Imperio, nasceo o Patriarca Serafico, mediando só quarenta e tres annos entre o seu Nascimento, e aquelle principio. Entrou S. Francisco neste Reyno, quando contava sessenta e quatro annos

⁵¹ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano* (Edição fac-similada em 5 vols.). Com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, tomo III, p. 61.

⁵² CONCEIÇÃO, Apolinário da (Frei) – *Claustro Franciscano, erecto no dominio da coroa Portugueza*. Lisboa Occidental. Na Offic. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

⁵³ Pertencente à Província da Imaculada Conceição do Brasil, Frei Apolinário da Conceição nasceu em Lisboa em 1692, tendo vindo a terras tupiniquins com a família, onde recebera o hábito franciscano em 1711. Sobre esse autor, veja: PALOMO, Federico – «Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impresso en Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII». In *Cuadernos de Historia Moderna*. Anejo XIII, 2014, p. 111-137.

de estabelecimento, o Santo trinta e hum de idade, e a sua Religião hia completando cinco. A Divina Providencia sempre admiravel em fundar pelos gloriosos blazões das Chagas de Christo esta Monarquia Portugueza se empenhou a trazer a ella aquelle Santo, que visivelmente com assombro do Mundo havia de ter em seu Corpo as cinco Chagas de Christo. No mesmo seculo escolheo este Senhor para si hum Santo, e hum Reyno; este, Portugal, e aquelle, Francisco: Francisco Santo, que até o fim do Mundo estará em pè seu Corpo, e Portugal Reyno, que pollo em pè (por estabelecido) se achará até o fim do Mundo. As glorias da Cruz, que eraõ para Chrillo só, quiz este Senhor repartillas com o Reyno de Portugal, Imperio seu; por isso o Patriarca dos Menores, todo de Cruz por amor, teve ardente dezejo de participar destas glorias, vindo elle em Pessoa a este Reyno de Christo a pòr o primeiro fundamento a huma Religião, que era mais deste Senhor, do que sua⁵⁴.

É notável o esforço de Frei João de Nossa Senhora em associar a passagem de Francisco por Portugal ao papel central que esse reino ocuparia na história da salvação e na prodigiosa implantação do Reino de Cristo na Terra. Esse reino seria universal, católico e luso-franciscano, contrariando qualquer concepção de «Quinto Império jesuítico-veiriano»⁵⁵. Mas esse já é outro problema que, aqui, apenas temos espaço para sugerir.

Artigo recebido em 30/09/2019

Artigo aceite para publicação em 30/10/2019.

⁵⁴ NOSSA SENHORA, João de (Frei) – «Aprovaçam do M. R. P. Fr. Joam de N. Senhora, qualificador do Santo Officio, Chronista da Provincia dos Algarves, &c». In CONCEIÇÃO, Apolinário da (Frei) – *Claustru Franciscano, erecto no dominio da coroa Portugueza*. Lisboa Occidental. Na Offic. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, página inumerada.

⁵⁵ Em nossa tese de doutorado já citada, defendemos o que chamamos de “hermenêutica seráfica”. Ela se caracteriza pelo esforço em apresentar S. Francisco de Assis como o anjo do sexto selo apocalíptico prefigurado nas Sagradas Escrituras, em consonância com a interpretação presente em fontes hagiográficas medievais sobre o santo, principalmente na *Legenda Maior* escrita por S. Boaventura. Essa interpretação foi extremamente valorizada nas Letras portuguesas no arco temporal que vai do século XVI ao XVIII. Nessa chave de leitura, Francisco torna-se o responsável pela implantação de um reino universal de Cristo na Terra. Ao defender a passagem do santo por Portugal, os franciscanos portugueses, principalmente os observantes, objetivavam evidenciar a importância da Ordem dos Frades Menores portugueses e do reino de Portugal na implantação desse reino universal desde sempre esperado.